

## DO ROMANCE DE 30 À DRAMATURGIA REGIONALISTA NORDESTINA: Denúncia, desigualdade social, tradição e ancestralidade

### FROM THE ROMANCE OF THE 30's TO NORTHEAST REGIONAL DRAMATURGY: Denouncement, social imbalance, tradition and ancestry

João Dantas FILHO<sup>1</sup>

#### RESUMO

A partir da década de 1950 a dramaturgia regionalista nordestina teve uma importante participação no teatro brasileiro. Movidos pela tradição do Romance de 30, autores como Ariano Suassuna e Hermilo Borba Filho foram seus principais representantes. É composta por fortes influências culturais como por exemplo as manifestações populares, além de denunciar os desmandos e as condições miseráveis de uma considerável parcela do povo do Nordeste. Existe atualmente, nessa região, uma nova geração de dramaturgos e dramaturgas que, em seus textos teatrais, apresentam as dificuldades sociais de ordem local. Por outro lado, é notório uma pluralidade presente nessa produção textual, uma mistura envolvendo a cultura em consonância com temáticas e estéticas de ordem mundial.

Palavras-Chave: Romance de 30, Dramaturgia regionalista nordestina, teatro nordestino.

#### ABSTRACT

From the 1950s on, the Northeastern regionalist dramaturgy played an important role in Brazilian theater. Driven by the Romance of the 30's tradition, authors such as Ariano Suassuna and Hermilo Borba Filho were its main representatives. It is made up of strong cultural influences such as popular expressions, in addition to denouncing the misdeeds and miserable conditions of a considerable portion of the people from the Northeast. Currently, in this region, there is a new generation of playwrights and playwrights who, in their theatrical texts, present the social difficulties within a local context. On the other hand, a plurality present in this textual production is notorious, a mixture involving culture in line with world-wide themes and aesthetics.

Keywords: Romance of the 30's, Northeastern regional dramaturgy, northeastern theater.

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Regional do Cariri - URCA, Crato - CE. Possui experiência na área de artes, com ênfase em teatro, atuando principalmente nos seguintes temas: Dramaturgia, Interpretação teatral, Teatro Cômico Brasileiro do Século XIX e História do Teatro Ocidental.

## **DO ROMANCE DE 30 À DRAMATURGIA REGIONALISTA NORDESTINA: Denúncia, desigualdade social, tradição e ancestralidade**

A temática utilizada no Romance de 30<sup>2</sup>, que criticava e denunciava as desigualdades sociais do país e principalmente do Nordeste, acabou influenciando o texto teatral e o teatro produzido nessa região do país. Isto quer dizer que o drama vivido pelo povo desassistido, tanto na sua condição social como nas situações conflituosas, passou a se desenvolver no campo da dramaturgia. Na proporção em que esses problemas passavam a ser inseridos no texto teatral, a miséria ia sendo retratada nos palcos. Dessa forma, chegava ao público a denúncia das desigualdades e da exclusão social enfrentada por muitos brasileiros e brasileiras.

Essa temática entusiasmou dramaturgos e dramaturgas do Nordeste, que passaram a trazer para seus textos temas envolvendo o povo nordestino, principalmente aquele do sertão e sua problemática social. Podemos compreender, neste sentido, que, com o surgimento da dramaturgia regionalista nordestina, a produção dramática brasileira se destaca, fortalecendo assim a história da literatura dramática brasileira.

Quando nos referimos à dramaturgia regionalista nordestina, não podemos deixar de lembrar que é necessário considerar o que se passava no teatro brasileiro nas décadas de 1940 e 1950, envolvendo as novas propostas dramáticas. Como afirma Sábato Magaldi (1997), uma pluralidade de tendências envolvendo novas temáticas trouxe aos palcos textos teatrais que apresentavam a realidade brasileira como meio de revelar as grandes preocupações e enalços dos problemas do cotidiano. “Nelson Rodrigues, Jorge Andrade, Ariano Suassuna e Gianfrancesco Guarnieri trouxeram [...] as contribuições mais efetivas e continuadas à dramaturgia brasileira contemporânea” (MAGALDI, 1997, p. 254). Neste sentido, vejamos o que nos diz a professora e pesquisadora Mônica Almeida Kornis (2020), em seu artigo intitulado Teatro:

[...]. O desenvolvimento das questões colocadas por esses dramaturgos teve importantes e variados desdobramentos para o teatro brasileiro nas décadas seguintes, tanto no que dizia respeito à conscientização popular e ao esforço de atingir um público amplo, quanto à possibilidade de aprofundamento das questões de caráter estético. (KORNIS, 2020, p. 01).

Essas novas intenções dramáticas, impulsionaram dramaturgos e dramaturgas do Nordeste e suas produções, no sentido de promover uma maior preocupação com a qualidade estética, direcionando seus olhares para a realidade local e assim inovando a dramaturgia nordestina.

Em virtude disso, a dramaturgia regionalista nordestina é marcada, principalmente, pelo dramaturgo paraibano Ariano Suassuna que naquela época, através dos seus textos, causou uma determinada diferença em relação à dramaturgia escrita no Sudeste, uma vez que na produção desse dramaturgo encontram-se temas envolvendo a cultura popular do Nordeste e suas referências regionais. Desse modo, a temática apresentada por Suassuna acabou se contrapondo ao que até então estava sendo apresentado nos palcos paulistas, que privilegiava os textos estrangeiros montados e apresentados para o público da época.

2 Produção literária ficcional, inaugurada pelo escritor paraibano José Américo de Almeida com a publicação do romance *A Bagaceira*. Entre os escritores e escritoras dessa geração estão Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos e José Lins do Rego, com suas literaturas críticas que denunciavam as desigualdades sociais especificamente do Nordeste, envolvendo a vida espinhosa de homens e mulheres moradores e moradoras da zona rural dessa região do país.

Portanto, foi a partir da década de 1950 que a dramaturgia nordestina teve uma considerável participação no teatro brasileiro, um processo que continuou pelas próximas décadas. Autores como o paraibano acima mencionado, Ariano Suassuna, os pernambucanos Hermilo Borba Filho, Joaquim Cardozo e Luís Marinho, o alagoano Altimar Pimentel e o maranhense Aldo Leite, deixaram suas marcas na esfera da dramaturgia e do teatro brasileiro. Todos esses autores proporcionaram uma importante contribuição para a construção da história do teatro nacional, apresentando ao público a representação de vários aspectos que iam desde o imaginário regional até as particularidades históricas e políticas do Nordeste.

Movida pela tradição regionalista, a proposta dessa dramaturgia estava voltada para fazer dialogar com a cultura e o povo nordestino. Podemos compreender que a dramaturgia de Ariano Suassuna é constituída da própria imagem da região Nordeste em sintonia com os elementos da sua cultura popular, composta por lendas, fábulas, credices, mitos, além da literatura de cordel e outras narrativas que foram reescritas e dinamizadas por esse autor, dando suporte e garantia para a estabilização da dramaturgia de caráter regional nordestina.

Para Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011), no livro *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*, Ariano Suassuna constrói um Nordeste tramado pelos fios dos destinos de seus personagens: barrigudos, feridentes, gafos, fedorentos, andrajosos, paralíticos, perseguidos pela seca, pela miséria e pela injustiça, mas que conseguem manter o seu “orgulho de sertanejo”:

O sertão surge, em sua obra, como este espaço ainda sagrado, místico, que lembra a sociedade de corte e cavalaria. Sertão dos profetas, dos peregrinos, dos cavaleiros andantes, defensores da honra das donzelas, dos duelos mortais. Sertão das bandeiras, das insígnias e dos brasões, das lanças e mastros, das armaduras pobres de couro. Sertão em que todos são iguais diante de Deus, o que não significa reivindicar o mesmo aqui na vida terrena, condenada a ser sempre imperfeita, por ser “provação”, mas em que a igualdade divina permite manter a esperança e a resignação diante das condições mais adversas. O Nordeste de Ariano luta contra o mundanismo, aceita a imperfeição das instituições terrenas e não acredita na criação de um novo mundo. É um espaço e um povo em busca de misericórdia. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 188).

A dramaturgia regionalista do Nordeste, iniciada em Pernambuco na década de 1950, vai se consolidando como um segmento literário típico dessa região. Trata-se de uma estética que abarca o regionalismo nordestino e ao mesmo tempo denuncia os desmandos e as condições miseráveis de vida de uma considerável parcela de moradores, especialmente o povo pobre do sertão, como ressaltam a pesquisadora Valéria Andrade e o pesquisador Diógenes Maciel (2011):

Anunciava-se aí, portanto, um projeto estético que, partindo da imaginação do imaginário popular do Nordeste, traduzia a intenção [...] de levar o povo da região a um auto-reconhecimento. (ANDRADE; MACIEL, 2011, p. 12 -13).

Nesse contexto, envolvendo a dramaturgia dos anos 1950, nasce o Teatro do Estudante da Paraíba, com uma proposta de renovação na cena teatral paraibana através da cultura popular, ou seja, algo semelhante ao que já vinha crescendo no vizinho Estado de Pernambuco. Além de outras montagens desse grupo, destacamos o espetáculo *Se o Guilherme fosse vivo*, em 1952, com texto de A. Torrado.

Nos anos de 1960, se desenvolve na Paraíba um movimento teatral no Teatro Santa Roza em João Pessoa – PB, e no Teatro Severino Cabral em Campina Grande - PB. A importância desse movimento foi o fato de o teatro ter sido empregado para resistir às decisões autoritárias utilizadas pelos militares, que se encontravam no poder. É importante lembrar que nessa época o teatro foi um dos atuantes políticos contra a repressão, enfrentou a ação dos militares, bem como dos atos institucionais, principalmente, o AI-5.

Assim, como em outros estados das regiões do país, a Paraíba não passou isenta diante dos acontecimentos gerados pela situação de repressão política brasileira. Nesse período, o Grupo de Arte Dramática do Teatro Santa Roza, em João Pessoa, realizou uma encenação da peça *A intriga do Cachorro com o Gato*, de autoria do dramaturgo alagoano Altimar Pimentel. Esse texto trata de questões sociais em um universo onde as personagens são animais que assumem as atitudes humanas. Outro destaque na época foi o grupo Teatro de Arena da Paraíba, que em 1968 montou um texto de Paulo Pontes intitulado *Parai-bê-a-bá*. Essa encenação retratava a cultura do povo paraibano, bem como seus costumes e suas tradições. Nesse mesmo ano, essa montagem participou do Festival Nacional do Teatro, no Rio de Janeiro.

Em Campina Grande não foi diferente, a partir do ano de 1963, quando foi inaugurado o Teatro Severino Cabral, foram criados alguns grupos de teatro que procuravam realizar suas encenações a partir de temas que se aproximavam da realidade política da época, entre eles destaca-se o Grupo do Teatro Universitário. Tudo isso veio se fortalecer ainda mais nos anos de 1970, pois, além da presença da dramaturgia de autores como Paulo Pontes e Altimar Pimentel, surgem os textos da dramaturga Lourdes Ramalho, poeta e professora que, a partir de então, começa a ganhar popularidade com a presença da sua dramaturgia, não só na Paraíba, mas também no Nordeste. Essa autora possui uma obra dramática composta por cento e seis textos teatrais entre eles, *A mulher da Viração*, *Frei Molambo*, *A Feira*, *Os Mal Amados*, *Charivari*, *O Trovador Encantado*, *O Romance do Conquistador*, *As Velhas*, além de outros.

Atualmente, a produção cultural do Nordeste, de certa maneira, acaba atraindo outros setores brasileiros que possuem interesses voltados para a cultura nordestina e suas particularidades, principalmente naquilo que está relacionado à arte e a literatura. A literatura dramática, por exemplo, acaba sendo enxergada pelas produções audiovisuais, sobretudo do cinema e da televisão. Neste sentido, parte dessa produção realizada nessa região acaba por se fortalecer, ganhando destaque e notoriedade em nível nacional.

Em consequência disso, estabelece-se uma verdadeira dialética, pois, se de um lado consideramos a produção literária do Nordeste como ferramenta que complementa e revigora a dramaturgia nacional, por outro, os estereótipos, os clichês e as várias ideias de ordem degradante relacionadas ao Nordeste vem à tona.

Tudo isso acaba fortalecendo o discurso de quem vê o Nordeste como uma região subalterna, dependente, incapaz de resolver seus problemas sociais. Nesse universo ofensivo, abarcando o Nordeste e os nordestinos, especialmente quando se trata dos seus estereótipos, vejamos o que enfatiza Albuquerque Júnior (2011):

O estereótipo é um olhar e uma fala produtiva, ele tem uma dimensão concreta, porque, além de lançar mão de matérias e formas de expressão do sublunar, ele se materializa ao ser subjetivado por quem é estereotipado, ao criar uma realidade para o que toma como objeto. Não podemos cair, [...], no discurso da discriminação do Nordeste e dos nordestinos. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 30).

Albuquerque Júnior continua interrogando sobre questões específicas e avalia fatos, como por exemplo, quando se diz que os nordestinos são esquecidos, menosprezados e vítimas da história do país. Ele questiona também sobre os mecanismos de poder e saber, que incitam os nordestinos a se colocarem como vítimas, como colonizados, como miseráveis fisicamente e espiritualmente e como pobres coitados.

Dando continuidade à nossa discussão sobre a dramaturgia regionalista nordestina, podemos lembrar o pesquisador e dramaturgo cearense Oswald Barroso no seu artigo intitulado, *Cultura popular fonte da dramaturgia*, que nos oferece a seguinte informação:

A dramaturgia nordestina tem seu corpo principal referenciado na cultura de uma região, onde magia e encantamento dão substratos a um imaginário poético, que se recusa a ceder às imposições de uma racionalidade moderna hegemônica. Tanto no interior, quanto na periferia das grandes cidades, redutos de animismo povoam de narrativas míticas os ritos da vida popular, que se refaz em novos encantamentos. Encantar-se é transportar-se a outra dimensão da realidade, no caso, a dimensão artística, adentrar em uma lógica mágica e estética. Isto só é possível ao teatro de uma região onde a realidade é reinventada em metáforas e mimeses, verdade/imaginação, que se funde na linguagem dos sonhos, para produzir uma sociedade de visionários, justiceiros, taumaturgos, reinos encantados e pavões voadores. (BARROSO, 2012, p. 1).

Barroso, em seu artigo, continua citando uma série de manifestações populares que acabam trazendo importantes contribuições para o âmbito da dramaturgia regionalista, como os romeiros dos santuários mestiços, os brincantes das festas e folguedos, os poetas da literatura de cordel, das cantorias e das emboladas de coco, os cegos rabequeiros, os sanfoneiros, os mercadores com seus gestos mágicos e os artesãos inventores.

A dramaturgia regionalista nordestina é composta por fortes influências culturais provenientes de outros povos, que colonizaram essa região há séculos, tornando-se marca, como bem ressalva esse autor:

[...] desse Nordeste euroafricano, mourárabe e ameríndio, americanalhado e brasileiro em todos os seus devires, contraditório em sua riqueza, mas nunca pobres de espírito". (BARROSO, 2012, p. 1).

Existe atualmente no Nordeste, uma nova geração de dramaturgos e dramaturgas que, além de abraçar esse universo marcado por sua herança ancestral, não se limitam a escrever apenas o que chamamos de dramaturgia regionalista nordestina. Cada um desses dramaturgos e dramaturgas possuem uma considerável quantidade de textos teatrais que são levados aos palcos tanto com a direção da autoria, como por diretores e diretoras. A criação dramaturgical desses autores e autoras apresenta, como já foi dito, fatores sociais e humanos de ordem local, mas que muitas vezes se entrelaçam, unindo questões direcionadas ao regional a outras de caráter mundial.

Entre os dramaturgos dessa nova geração<sup>3</sup>, destacam-se, Oswald Barroso, Racine Santos, Paulo Vieira, Eliézer Rolin, Tarcísio Pereira, Álvaro Fernandes, Saulo Queiroz e as dramaturgas Celly de Freitas e Valeska Picado. Como bem diz Valéria Andrade (2010):

Ampliando os limites do território estético-cultural brasileiro, são numerosas as autoras do Nordeste que têm escrito para o palco, compondo uma constelação autoral significativa". (ANDRADE, 2010, p. 232).

Segundo Andrade (2010, p. 232) existem, no Nordeste, várias dramaturgas que acabam dando testemunho de "uma tradição de autoria feminina consolidada no contexto das artes cênicas brasileiras":

Da Bahia ao Ceará, podemos citar, além de Lourdes Ramalho, vários nomes, como Eleonora Montenegro, Aglaé Fontes, Ângela Linhares, Celly de Freitas, Vanda Phaelante, Zilma Ferreira Pinto, Clotilde Tavares, Aninha Franco, Haydil Linhares, Cláudia Guimarães, Lúcia Rocha, Cleise Mendes, Rosa Travancas, Adelice Souza, Cláudia Barral Mariane Freire, Paola Mammini. Embora grande parte da dramaturgia dessas autoras seja ainda apenas uma referência bibliográfica, temos aí, sem dúvida, uma produção que, [...], em crescimento, põe em questão vários paradigmas patriarcais, indicando um projeto emancipatório, articulado com uma proposta estética de valorização do imaginário e da cultura popular, [...]. (ANDRADE, 2010, p. 232).

3 Outros dramaturgos nordestinos: Alarico Corrêa Neto, Carmélio Reinaldo, Fernando Teixeira, Geraldo Jorge, Ednaldo do Egypto, Marcus Vinícius, Elpidio Navarro, Bráulio Tavares, Luiz Felipe Botelho, Gilsimar Gonsalves, Marcelo Costa, Oswald Barroso, Ricardo Guilherme, Walden Luiz, B. de Paiva, Emmanuel Nogueira, Rafael Barbosa, Rafael Lins, Newton Moreno, Gil Vicente Tavares, João Falcão, Aldo Leite, Vital Farias, João Denys, Cristovam Tadeu, Waldemar José Solha, sendo este último paulista-paraibano, além de outros que certamente existem, mas que não constam nas referências bibliográficas acessadas para a realização desta escrita. Estes autores acima citados, como diz o dramaturgo Paulo Vieira, "são donos de imensa profusão de personagens, de situações, de discursos que nos parecem transcender aos próprios textos, mas que revelam a força poética de autores vigorosos e abundantes, nas ideias e nas realizações dramaturgical". Disponível em:

Diante dessa conjuntura ainda devo acrescentar que, em uma pesquisa concluída em 2011, desenvolvida no Departamento de Teatro da Universidade Regional do Cariri - URCA, foram reunidos os nomes das dramaturgas da região do Cariri cearense<sup>4</sup>.

Os dramaturgos e as dramaturgas do Nordeste trazem em suas obras uma pluralidade envolvendo vários gêneros como tragédia, comédia, drama, farsa, além de textos destinados ao público infantil. Enfim, se existe nessa região uma tendência dramaturgica regionalista, não há como generalizar essa dramaturgia como sendo apenas de caráter regional.

Lembrando que, quando utilizamos o termo dramaturgia regional ou regionalista, geralmente estamos nos referindo a dramaturgia nordestina, especificamente aquela de conteúdo temático voltado para as questões locais, seja ela de ordem política, sociocultural, religiosa, etc. Neste sentido, mais do que exclusivamente regionalista, a dramaturgia nordestina pode ser caracterizada pela presença de uma “consciência regional”.

Afinal, atualmente é quase impossível encontrar um dramaturgo ou uma dramaturga do Nordeste que sintetize especificamente toda sua obra, como uma dramaturgia de caráter regional ou regionalista. Existe uma diversidade presente nessa dramaturgia, uma mistura envolvendo a cultura local em consonância com outras temáticas e estéticas. Entretanto, existe também uma consciência nordestina, no sentido de o regionalismo ter se tornado um tema predominantemente em voga, na dramaturgia do Nordeste, uma vez que seus dramaturgos e dramaturgas continuam retratando os problemas sociais, as raízes e as tradições culturais dessa região.

4 Esse trabalho intitulado, Estudo da Dramaturgia Cearense de Autoria Feminina foi desenvolvido pela aluna do Curso de Licenciatura em Teatro da URCA, Maria Edvânia Martins Barbosa (com uma bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq). Nessa pesquisa, a referida aluna foi orientada por mim. Nesse trabalho foram elencadas treze dramaturgas: Maria José de Sales (Mazé), Wilma Maciel, Maria Irani de Souza (Ni de Souza), Eraclides Bezerra, Francisca Valdécia, Iris Tavares, Eleni Portela de Oliveira, Lília de Carvalho Araújo, Sâmia Montenegro, Margarida Sofia, Érika Cristina de Souza, Elvira Cardoso e Maria Gonçalves. Depois da pesquisa concluída surgiu mais uma mulher que escreve para teatro: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cecília Maria de Araújo Ferreira (Ex-Cecília Raiffer). (A primeira já publicou alguns dos seus textos e a última teve seus textos editados e publicados em 2016, no seu livro intitulado: Três pontos sem ponto final).



## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5. Ed, São Paulo: Cortez, 2011.

ANDRADE, Valéria; MACIEL, Diógenes. Veredas da Dramaturgia de Lourdes Ramalho. In: RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. **Teatro [quase completo] de Lourdes Ramalho**. Organização, fixação dos textos, estudo introdutório e notas de Valéria Andrade, Diógenes Maciel – Maceió: EDUFAL, 2011. p. 7-52.

ANDRADE, Valéria. A Força nas Anáguas: matizes de hispanidade na dramaturgia de Lourdes Ramalho. In: MALUF, Sheila Diab; AQUINO, Ricardo Bigi de. (Orgs.) **Reflexões sobre a cena**. Maceió: EDUFAL; Salvador: EDUFBA, 2005. p. 315-331.

\_\_\_\_\_. A autoria feminina e o texto escrito para o palco: editar é preciso, ler também. In GOMES, André Luís. (Org.). **Leio Teatro**. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.

BARROSO, Oswald. **Cultura popular fonte da dramaturgia**. 2012. Disponível em: <[http://www.centrocultural.sp.gov.br/dramaturgianordestina/cultura\\_popular.htm](http://www.centrocultural.sp.gov.br/dramaturgianordestina/cultura_popular.htm)>. Acesso em: 08 Set. 2015.

DANTAS FILHO, João. **HOMENS NORDESTINOS EM CENA: Relações/tensões de masculinidades em As Velhas**, de Lourdes Ramalho. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2016.

KORNIS, Mônica Almeida. **Teatro**. In: O Governo de Juscelino Kubitschek/O Brasil de JK>Teatro. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Teatro>>. Acesso em: 21 Out. 2020.

MAGALDI, Sábato. **Panorama do Teatro Brasileiro**. São Paulo: Global, 1997.